



Recebido em:  
27/06/2017  
Aprovado em:  
27/06/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM OS ALUNOS SURDOS

ANDERSON FRANCISCO VITORINO  
THALISMANDA RAFAELA SOARES DE OLIVEIRA  
RITA DE CÁCIA SANTOS SOUZA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

**RESUMO:** A pesquisa tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas dos professores de sala de aula comum com alunos surdos e ouvintes na instituição de ensino. Neste sentido, procuramos investigar a problemática de como acontece o processo de aprendizagem e avaliação dos alunos surdos no município de Arapiraca-AL, em contexto bilíngue (Português/Libras). Nesse sentido, utilizamos a metodologia qualitativa com base em procedimento do estudo de caso. Para tal, serviram de instrumentos metodológicos, diário de campo, entrevistas e observação das aulas dos docentes. Dessa forma, podemos constatar que a problemática educacional, na maioria das vezes, culmina com as práticas pedagógicas em que estão relacionadas às interfaces aplicadas pelos docentes.

**Palavras-chave:** Educação Bilíngue. Práticas Pedagógicas. Surdo.

**ABSTRACT:** This research aims to analyze the pedagogical practices of ordinary classroom teachers with deaf students and listeners in the teaching institution. In this sense, we seek to investigate the problem of how the learning process and evaluation of deaf students in the city of Arapiraca-AL, in a bilingual context (Portuguese / Libras), occurs. In this sense, we use the qualitative methodology based on the case study procedure. For this, they served as methodological tools, field diary, interviews and observation of teachers' classes. In this way, we can see that the educational problem, in most cases, culminates with the pedagogical practices in which they are related to the interfaces applied by the teachers. **Keywords:** Bilingual Education. Pedagogical practices. Deaf.

### Introdução

Ao adentrar no universo das práticas metodológicas voltadas para os surdos em contexto bilíngue, devemos tomar conhecimento que não há uma única metodologia caracterizada como a certa ou a errada. O estudo foi realizado numa escola inclusiva no município de Arapiraca-AL, que adota a política da inclusão em sala de aula regular com surdos e ouvintes. Nessa pesquisa, alguns docentes relataram em entrevista que utilizava a Metodologia do Concreto.

Na curiosidade de saber o que se tratava essa metodologia citada pelas professoras, realizamos uma pesquisa de cunho teórico a respeito da temática. Inicialmente, imaginamos que fosse um novo método voltado ao ensino em que o professor estivesse utilizando com os alunos. Entretanto, nas varreduras literárias em banco de dissertações e teses disponibilizadas na internet, encontramos autores que apresentavam a Metodologia do Concreto. A respeito disso, informamos que "o material concreto é fundamental para o ensino experimental, uma vez que facilita a observação, análise, desenvolve o raciocínio lógico e crítico, sendo excelente para auxiliar o aluno na construção dos seus conhecimentos" (PEREZ; TIRRIONI, 2006, p. 61).

Com base no argumento dos autores, fomos remetidos a outra investigação em que os materiais didáticos aplicados pelo docente podem ser atribuídos ao Método Intuitivo utilizado no final do século XIX, em instituições de ensino brasileiro como meio de instrução trazido da França. Esse método foi utilizado como regra de procedimento no ensino da linguagem articulada, da comunicação através da escrita, oral, gestual ou por sinais, a todos os alunos no Imperial Instituto dos Meninos Surdos-Mudos naquele século, Souza (2014). Atualmente, a instituição é conhecida por INES - Instituto Nacional dos Surdos, que se localiza no Rio de Janeiro.

Diante das pesquisas históricas levantadas, entendemos que as metodologias adotadas pelo professor de sala de aula comum em época contemporânea, possivelmente já foram utilizadas como fonte de instrução aos alunos integrados do INES, cujo marco temporal, 1875 a 1896.

Ainda sobre, a temática da metodologia aplicada pelo professor, percebemos que o docente adota os recursos didáticos pedagógicos, no sentido de ampliar e diversificar as questões metodológicas em sala de aula, que ganha corpo de acordo com a demanda.

Diante do olhar investigativo, notamos que a aprendizagem do aluno surdo é a fonte de várias pesquisas em que perpassa por fundamentos de disciplinas, que atravancam uma notável ideologia de egresso do aluno, numa projeção de construção de conhecimentos para composição de conteúdo. É sabido, que há muitas razões preocupantes relacionadas à temática curricular, que (re)configura a relação de poder na instituição de ensino, Minetto (2008); Oliveira (2004); PCN (1996).

Neste contexto, o estudante com surdez, processa uma elaboração de conhecimento contínuo, em que torna notáveis marcas de experiências específicas cunhadas por ele, em situações vivenciadas na escola, Dorziat; Fenandes; Lodi (2012, 2015).

## **Metodologia**

O estudo realizado partiu do pressuposto de utilizar a proposta qualitativa, com o propósito de entender a relação dinâmica e dialética do sujeito que acontece no espaço escolar. Para, Oliveira (2007), a expressão pesquisa qualitativa e/ou abordagem qualitativa, pode ser considerada dentre outros conceitos, um processo metodológico que contempla e analisa o objeto em contexto subjetivo, histórico e estrutural. Para tal, “A pesquisa qualitativa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado” (FLICK, 2009, p.25).

A pesquisa de cunho qualitativo assenta em encaminhamentos técnicos, que o pesquisador deve possuir na aquisição dos dados, com a intenção de entender o fenômeno através de documento, observação e entrevista, Creswell (2014). E assim, constituir um direcionamento no tocante aos fatos relevantes, aos dados obtidos e aos registros levantados.

Os instrumentos metodológicos utilizados foram a observação, a entrevista com perguntas previamente elaboradas do tipo semi-estruturada/aberta e o diário de campo. Dessa forma, compreende as particularidades reais dos participantes da pesquisa. Uma das maneiras de averiguar as informações consiste na observação que “É uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade” (LAKATOS; MARCONI, 2012, p.76). Não se trata em só ver e ouvir, e sim em analisar fatos do que se deseja estudar. Em relação a entrevista os autores “tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre um determinado assunto ou problema” (LAKATOS; MARCONI, 2012, p.81). Dessa forma, acreditamos que um dos caminhos do método em destaque é a entrevista em que o entrevistado expõe os pensamentos diante dos assuntos no sentido de tomar as conclusões individuais.

Destarte, utilizaremos o procedimento metodológico do estudo de caso no sentido de compreender o objeto envolvido nos aspectos históricos, socioculturais e educacionais. Com base neste procedimento selecionado, temos o propósito de realizar um estudo investigativo no viés das práticas docentes realizadas em sala de aulas com alunos surdos, sobre uma perspectiva bilíngue (Português/Libras).

## **Resultados e análise dos dados**

## Observatório de dentro da sala de aula

A partir desse momento, analisamos os conteúdos que foram aplicados em atividades realizadas na sala com os alunos, bem como o fundamento da avaliação sob um viés de aprendizado. Para entender melhor esses aspectos, tomamos como base de sustentação, as observações das práticas dos professores em sala de aula, através de registros de diário de campo e ilustrações de atividades visuais desempenhadas pelos docentes. Vale ressaltar que os nomes dos professores são fictícios.

### Observação 01

**[Professora Andresa]:** dá bronca nos alunos, oralizando. [Aluna surda] fica sem entender o que está acontecendo na sala. **[Andresa]** passa uma atividade para os alunos na sala de aula e pede para que todos relatem sobre uma viagem. Andresa mostra o livro três paisagens em forma de imagens. [A aluna surda] levanta o braço e pergunta apontando para a imagem do livro. **[Andresa]** ignora tal gesto. [O aluno ouvinte] relata um momento de viagem. **[Andresa]** só observa o aluno falar e não usa sinais para [aluna surda] que está a sua frente. A aluna surda realiza atividade de desenho e pintura passada por **[Andresa]**, enquanto os outros alunos ouvintes relatam suas histórias de viagens (**Diário de campo, 01/09/2016**).

Ao observar o fragmento do relato da professora Andresa, imaginamos que deve ser angustiante para aluna surda participar da atividade pedagógica de forma desigual, impedindo a aluna aprender as nuances da temática em pauta. Dessa forma, acreditamos que não potencializa seu aprendizado. Entendemos ainda, que para o docente administrar a sala de aula lotada de estudantes com especificidade cognitiva, social e cultural, não deve ser tarefa fácil, mesmo ciente das suas funções de sala.

O professor tem a responsabilidade de mediar todas as atividades em sala de aula, entretanto é notório que se torna complexo, muitas vezes, em sala de aula inclusiva que envolve ouvintes e surdos, perante as questões linguísticas diferenciadas. No campo de aprendizado em que a maioria dos alunos são ouvintes, podemos interpretar que, possivelmente, o docente toma decisão que privilegia as crianças ouvintes, deixando a surda sem assistência.

Em uma das observações na sala de aula da professora Andresa, podemos perceber o quanto ela se desdobra para poder dar conta da turma. Os alunos, a todos instantes falam incessantemente, inclusive, sem ter relação alguma com o assunto ministrado pela professora, inclusive atrapalhando aqueles que demonstram interesse em aprender.

Andresa, em relação à aluna surda realiza a comunicação através de cada sinal à medida que fala, seja em momento de dá um recado e/ou ensinar um conteúdo. Neste caso, notamos que há um descompasso a respeito do que está sendo falado e sinalizado. Dessa maneira, observamos que por mais que a professora tente sinalizar e oralizar, simultaneamente, não consegue atingir o objetivo de transmitir o conteúdo e fazer com que a aluna compreenda.

De acordo com a atividade proposta em sala de aula, a professora solicitou aos alunos ouvintes que lessem e interpretassem, posteriormente contassem uma história oralizada. Analisamos que a professora solicita da aluna surda para que faça essa mesma atividade em forma de desenho e pintura, enquanto isso, Andresa pediu para que os alunos ouvintes assim que concluíssem a leitura das imagens, contassem suas histórias para a turma sobre o tema *viagem*.

Observando que atividade denominada diferenciada pela professora, que por sua vez tinha o propósito de fazer com que a aluna surda de alguma forma participasse da aula. Diante disso, podemos analisar que quando a professora pediu para que todos os alunos apresentassem a atividade, a aluna ainda não tinha concluído. A aluna concluiu a atividade, quando mais da metade da turma já tinha finalizado. O detalhe é que a professora solicitou que a aluna mostrasse o desenho para a turma, então neste momento, pensamos que a aluna pudesse se expressar por gestos, mímica ou sinal. Algo que não aconteceu em nenhum momento.

Agora, analisaremos a aula observada do professor Leandro e a imagem ilustrada da atividade do aluno surdo.

## Observação 02

**[Professor Leandro]:** passa uma atividade em sala no quadro das letras “C” e “H” usando as vogais no sentido de formar sílabas, CHA, CHE, CHI, CHO E CHU, posteriormente construir palavras. Professor chama [aluno surdo] e [aluno ouvinte] para realizar atividade em frente ao quadro. Aluno surdo oraliza e gesticula mostrando a imagem da chave que fica ao lado do quadro e associar a sílaba CHÁ, formando a palavra CHAVE. Aluno ouvinte demora a reconhecer, mas consegue também (**Diário de campo, 01/09/2016**).

O professor Leandro, o tempo todo oralizava, enquanto o aluno surdo só observava a aula do professor. Foi uma aula em que o professor enfatizou a oralização. Pediu para que todos os alunos repetissem a sua fala. O docente procurou ficar na frente do aluno surdo e pediu para que ele reproduzisse a sua fala. Analisamos que o surdo conseguiu emitir sons, como também, atendeu os comandos do professor que ensinava na modalidade oral.

Na atividade designada pelo professor sobre o CH, que teve como proposta formar sílabas, posteriormente, palavras. Percebemos que o aluno surdo conseguiu realizar a atividade e captou os conteúdos das aulas.

Na observação realizada em sala de aula, notamos boa desenvoltura do aluno surdo, respondendo sempre o que foi solicitado. Na ocasião, analisamos que o aluno fica atento à boca do professor na tentativa de entender a fala, realizando dessa forma a leitura labial.

No momento da atividade, o professor convidou dois alunos para participarem das aulas, então ela escolheu uma aluna ouvinte e o aluno surdo. Diante dos amigos de sala, percebemos que o aluno surdo não teve vergonha de se expor oralizando, apesar da sua fala não ser audível. Antes de executar a atividade, o professor pediu para que os alunos se comportassem quando o aluno surdo fosse falar, porque em aulas passadas já tinha sido explicado sobre a sonoridade diferenciada do surdo.

O aluno surdo, participava normalmente da aula, notamos que ele a todo momento respondia as atividades propostas pelo professor. Analisamos também, que o docente não fazia distinção da tarefa em relação ao surdo. O professor, comentou que comumente, convida o aluno surdo a participar junto com os demais alunos ouvintes na sala. O material didático utilizado na tarefa foi confeccionado de material emborrachado com letras grandes maiúsculas e minúsculas coloridas. E ainda, o material visual foi exposto no quadro branco prendendo a atenção dos alunos que disputavam a vez de participar da aula.

Diante dos fatos apresentados, destacamos a maneira como o professor apresentou a sua aula. Apesar do professor Leandro, somente utilizar a oratória, percebemos que o aluno surdo se sentia motivado em aprender, havendo uma expectativa mútua de compreensão, diálogo e aprendizado. Logicamente, que o professor sabe de algumas técnicas de como se portar diante de um surdo que oraliza, tais como: toque leve quando quer chamar a sua atenção, acena com as mãos quando necessário e principalmente fala de forma articulada, de modo que o surdo compreenda.

O professor Leandro, valorizava o surdo em sala de aula. Passava atividade no quadro, no livro e no caderno sem distinção de aluno. Em sala de aula, enquanto oralizava, procurava sempre chamar a atenção para os seus lábios mesmo que o aluno surdo estivesse distraído. Normalmente, preocupava-se com o aluno, perguntando se estava entendendo. Utiliza material didático visual no sentido de instigar os alunos a não se dispersarem em suas aulas.

A maneira com que o professor Leandro organizava sua sala, parece ser a ideal para o aluno surdo, mas de acordo com a fala do próprio professor, acredita que o aluno surdo, apesar de ter um bom desempenho em suas aulas, necessita fazer um curso de Libras para aprender a sua língua natural, porque nota que o aluno surdo vem perdendo a audição, paulatinamente. O relato do professor é pertinente, pois o aluno surdo, especificamente, pode utilizar as duas modalidades ao seu favor, o recurso da oralidade e a língua de sinais em experiência de convívio cultural, social e linguístico.

Apresentaremos o fragmento da professora Victória em que analisaremos o aspecto leitura e escrita:

### Observação 03

**[Professora Victória]** apresenta a Parlenda “DOCE” que estava no cartaz colado no quadro para aluna surda e os demais alunos ouvintes. Ensina a turma o sinal da palavra doce. Pedi para todos os alunos que cantem e sinalizem a palavra “doce” todas as vezes que lessem e fossem encontradas na parlenda. A professora lia com os ouvintes enquanto a aluna surda ficava somente observando os outros alunos (**Diário de campo, 14/09/2016**).

Analisando a observação de sala de aula, podemos notar que a professora utiliza na parlenda recursos visuais no cartaz fixado no quadro, digitados em letras grandes de escrita bastão, e ainda a letra “D” do alfabeto manual, a figura com o sinal de “DOCE” outra figura com o sinal de “BATATA”, imagem 04.

Acreditamos, que seja para representar a parlenda de forma com que a aluna surda e os ouvintes compreendessem o objetivo da aula. Em seguida, a professora entregou uma atividade para que os alunos fossem acompanhando a leitura, imagem 05, que foi cantada em voz alta e que todos os alunos participassem, inclusive, a aluna surda. Solicitou ainda, que todas às vezes que aparecesse a palavra DOCE os alunos parassem de oralizar e fizessem o sinal ensinado pela professora.

Diante dessas observações, notamos que a professora realizava a mesma atividade para todos os alunos sem distinção, como também, utilizava os recursos visuais que podem ser satisfatórios para o aprendizado da aluna surda em sala de aula comum. Neste cenário, acreditamos que a professora e a aluna estreitem a relação de socialização e a participação das aulas.

A rotina deve ser modificada, ao passo que a professora analisar suas aulas que não produz interesse motivacional por parte dos alunos. Obviamente, que temos uma ordem sequenciada a seguir cotidianamente, a exemplo, frequência do aluno, exposição oral, reprodução da escrita, cópia de atividade, resposta e correção.

Quando a aluna surda não conseguiu realizar a tarefa sozinha, observamos que ela espera a professora corrigir na lousa, em seguida copiar as respostas prontas para o caderno. Isso ocorre também, quando a exposição da correção da atividade é feita oralmente, a surda esperava a professora concluir de oralizar com todos alunos ouvintes, posteriormente, a aluna surda solicitava o caderno emprestado do colega para a cópia.

Ainda dentro deste contexto de atividades dos alunos surdos, observamos o fragmento da professora Evely:

### Observação 04

**[Professora Evely]** utilizou o quadro branco para armar as contas das questões da Provinha Brasil [MEC] retirada do livro didático. Pede para a aluna surda e alunos ouvintes que responda às contas de somar e multiplicar no caderno individualmente. Passa todas as informações oralizando sem o uso de nenhum sinal (**Diário de campo, 06/09/2016**).

Analisando um trecho da observação de sala de aula da professora Evely, percebemos que na aula da disciplina de Matemática, a docente escreveu uma atividade na lousa que envolveu duas operações, a adição e a multiplicação, imagem 06. A partir deste momento, a professora pediu para que os alunos copiassem em seus cadernos, inclusive, a

aluna surda. Apesar da tarefa copiada pela aluna, a professora entregava uma atividade diferente para a surda.

O que podemos notar, através da observação, foi que a professora realizava tarefas diferenciadas literalmente, inclusive, com contexto de aula distinta entre os alunos. Outro detalhe observado foi que a professora sentava ao lado da aluna no momento da resolução da atividade. Com isso, privilegiava a ação paternalista em que não permite a aluna conquistar sua independência.

O ato de realizar a cópia de tudo que se passa em sala de aula, pode fortalecer a estratégia de que o aluno estivesse inserido no contexto de sala de aula, simplesmente, pela prática de copiar na lousa, copiar no caderno e copiar no livro. O entendimento que se observa é que essa prática incute sobre um aspecto fundamental de sobrevivência social e linguística da aluna surda perante os alunos ouvintes de sala.

Nesse cenário de mínima interação de comunicação, a aluna surda ganhava status de ouvinte no momento em que a professora oraliza para explicar a atividade de aula, um trabalho proposto, um aviso escolar, uma data de avaliação, entre outros temas relevantes às aulas.

Analisando as falas dos professores a respeito das práticas pedagógicas sobre o aprendizado do aluno surdo, percebemos que são unânimes em dizer que a avaliação é dada através das práticas das atividades escritas executadas em sala de aula. Além dos critérios das observações diárias no tocante ao desempenho dos alunos surdos, através da escrita, da participação em sala e das provas.

Ora, de acordo com que analisamos nos relatos das professoras a avaliação em relação ao aluno surdo deve se dá: Pela prática da escrita do aluno surdo pelo fato simplesmente do ato de copiar da lousa, caderno e livro A presença do aluno surdo em sala de aula atingindo a frequência escolar A relação de convívio social entre ouvintes no empréstimo de caderno e livro

Essas perguntas, entre outros questionamentos a respeito da avaliação dos alunos surdos são destacadas em salas de aula comum em que se esperam os mesmos desempenhos dos alunos ouvintes. Nesses relatos sobre avaliação nos inquietou quando se trata de língua. Percebemos que nas falas dos professores não foi apontado, claramente, qual o mecanismo de avaliação foi aplicado aos alunos surdos.

Sobre esse ponto investigativo, constatamos que os professores são vítimas dessas práticas de ensino utilizadas para atender a demanda de alunos ouvintes e surdos numa mesma sala. Muitas vezes, esses professores são pegos de surpresa para atender um público de alunos com particularidades específicas.

### **Algumas considerações**

Diante do exposto, alguns aspectos foram ressaltados: o desafio do professor para dar conta da pluralidade dos alunos de forma geral em sala de aula; a dúvida no tocante a língua a qual utilizar em sala; o desdobramento na tentativa de querer atender a todos os alunos como se utilizassem uma só língua. Enfim, são vários elementos que emperram o desempenho das práticas pedagógicas realizadas pelo professor, diante da diversidade de alunos em sala de aula.

Os professores quando desconhecem a cultura do surdo, ou possuem um conhecimento mínimo de língua de sinais, têm dificuldades de planejar os processos educacionais bilíngues (português/Libras). Então, entendemos o quanto essa língua ainda é estigmatizada e considerada menos importante do que a Língua Portuguesa, culturalmente.

Diante dessas situações imbricadas no aspecto avaliativo do aluno surdo, denotamos uma constatação em que as práticas dos professores executadas em sala de aula, nos espaços observados nesse estudo, são voltadas às estratégias, essencialmente, oralistas.

Entendemos também, que os professores necessitam de apoio pedagógico e formação continuada, no sentido de minimizar as barreiras que impedem os docentes de exercerem a profissão.

Dessa maneira, podemos sugerir que os docentes envolvidos no contexto de aulas bilíngues, possam ter a liberdade

de utilizar os recursos didáticos pedagógicos, que há na sala de recurso multifuncional. E, que os professores montem grupo de estudos, para debater as dificuldades de ensino encontradas no cotidiano das suas aulas. Que tenha também, um apoio de profissionais de diversas especificidades no intuito de ampliar as discussões acerca da temática da educação especial.

Assim sendo, concluímos que os professores de sala de aula comum devem ter como suporte teórico - a exemplo dos cursos de formação continuada, - e prático da Sala de Recursos Multifuncionais que atenda a todos os alunos surdos que apresentem dificuldades de aprendizagem em sala de aula comum. E que o Atendimento Educacional Especializado não sirva como aula de reforço para resolver atividades e trabalhos extra sala passadas pelos docentes. Certo disso, torcemos que o atendimento realizado na sala de recurso possa complementar, efetivamente, os estudos dos alunos surdos em sala de aula comum.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto**. Porto Alegre: ARTMED, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre, Artmed, 2009.

\_\_\_\_\_**LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS)**. (In) LODI, Ana Claudia Balileiro; MÉLO, Ana Doziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (org). Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. 2. Ed. rev. Atual. Ampl. – Curitiba: Ibpex, 2008.

\_\_\_\_\_**Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996**.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer uma pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.

\_\_\_\_\_**SANT&39;ANNA, Laercio. A importância da audiodescrição na comunicação das pessoas com deficiência**. p. 151 a 158. MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello, FILHO, Paulo Romeu. Organizadores. Audiodescrição: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Tobias Leite: educação dos surdos no século XIX**. Editora UFS, 2014.

TIRRIONI, A.M.S; PEREZ, G – **Implementando um Laboratório de Educação – Matemática para apoio de professores**. In: Lorenzato, Sérgio, Laboratório de Ensino de Matemática na sala de professores. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 57-76.

Mestrando em Educação – UFS. Membro do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência – Nupieped (UFS). Curso Educação. Email: andersonfran\_29@hotmail.com

Graduanda – Universidade Estadual de Alagoas- UNEAL. Membro Núcleo de Pesquisa das Narrativas Alagoanas – GENA. Curso Letras Português e Respectivas Literaturas. Email: thalimandasoares@gmail.com

Pós-doutorado (2014) e doutorado em Educação pela UFBA (2009). Membro da Associação Brasileira de

Pesquisadores em Educação Especial, SBHE e vice-líder do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência - Nupieped (UFS). Email: [ritacssouzaa@yahoo.com.br](mailto:ritacssouzaa@yahoo.com.br)